

# Entrevista com Victor Lopes

Toda noite, duzentos milhões de pessoas sonham em português.  
Algumas delas estão neste filme.

“o mistério é como tudo permaneceu”  
(Martinho da Vila, In: *Língua, vidas em português*)

*Em quatro continentes, trechos do cotidiano de pessoas de várias idades, origens, classes, fés e culturas são recortados e costurados em ordem cronológica. Durante três dias, atravessamos cidades e sentimentos de muitos tons. Encontramos, flagramos, seguimos, acompanhamos e largamos personagens em trânsito por vários mundos econômicos, espirituais e pessoais.*

*A língua portuguesa é o veículo para falar do cotidiano de pessoas que vão de um camelô de rua ao prêmio Nobel de Literatura. Uma narrativa de ações paralelas e muitos personagens, cujas histórias se entrelaçam no decorrer de alguns dias. Um documentário-fluxo. Ao mesmo tempo um filme simples, um filme feito de conversas. Hábitos e espaços re-ordenados por uma montagem de tempos e intensidades destas vidas em movimento.*

*Uma língua só está viva se for utilizada no dia a dia pelas pessoas que a falam. Um código para visões diversas do mundo e da vida. Apropriação diária do imaginário. Saramago nos contou: “não há uma língua portuguesa, há línguas em português”. Este corpo espalhado pelo mundo.*

*Língua, Vidas em português foi co-produzido por Brasil e Portugal e filmado em seis países: Portugal, Moçambique, Índia, Brasil, França e Japão.*

**Madalena Vaz Pinto:**<sup>1</sup> Como surgiu a idéia de fazeres este filme?

**Victor Lopes:**<sup>2</sup> Em 93 fui passar dois meses a Lisboa – já não ia a Portugal há muito tempo – e achei muito interessante ver todos aqueles emigrantes,

---

1 Pesquisadora em Literatura e cultura portuguesas. Vive há muitos anos no Brasil. Foi professora na PUC-Rio, é diretora do Centro de Estudos do Real Gabinete e coordenadora do núcleo Cultura e Sociedade do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras. É Doutora pela PUC-Rio, com a tese “Modernismo em língua desdobrada: Portugal e Brasil” sobre as relações entre o modernismo português e brasileiro.

2 Diretor do documentário *LÍNGUA, Vidas em português*. Nasceu em Moçambique, tem nacionalidade portuguesa e reside há 25 anos no Brasil. Estudou cinema na Universidade Federal Fluminense e foi estagiário e assistente de direção em curtas e longas metragens. Fundou o núcleo Atlântic de Vídeo e foi professor da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro.

africanos principalmente, e asiáticos também, na cidade. Achei fascinante esse novo fluxo migratório da língua que continuava a deslocar-se no espaço e no tempo através das pessoas que a usavam. Ali nasceu a idéia de fazer um documentário sobre a língua portuguesa em vários lugares do mundo, idéia que eu só viria a retomar em 96, já com a intenção de apresentar o projeto com vias a financiamento, o que acabou por acontecer em 1998 depois de ter ganhado os primeiros prêmios em dinheiro. Finalmente em 99, comecei o processo de roteirização e de produção.

**MVP:** Existiu alguma forma anterior, mais curta, mais condensada?

**VL:** Não, embora a primeira intenção fosse fazer uma série para a televisão, até porque não havia um grande espaço para fazer documentários de longa metragem. Como entretanto, no Brasil, surgiram projetos de televisão sobre o tema, o meu projeto inicial deixava de ter um carácter introdutório. Convidei então um outro roteirista para trabalhar comigo, o Ulisses Nadruz, e aí tomou-se a decisão de se fazer um filme calcado no quotidiano das pessoas, ou seja, falar da permanência da língua através do cotidiano que em última instância é onde uma língua sobrevive. Essa decisão, por sua vez, implicou por um lado na escolha de uma gama de personagens – desde pessoas comuns até ao José Saramago, prêmio Nobel de literatura – mostrando que a língua é de todos; por outro na opção de fazer um documentário em que a ação passasse de um país para outro, em que se estabelecesse uma relação geográfica dentro da montagem.

**MVP:** Disseste-me que houve um momento em que ficaste sem saber bem que direcção tomar e que foi o Glauber Rocha que te salvou. Gostava que falasses um pouco mais sobre isso.

**VL:** Num dado momento tive dilemas sobre que caminho o documentário tomaria e pedi para ter isolamento total, inclusive do roteirista. Quis trabalhar sozinho, sofrer sozinho. As crises são boas, eu gosto de sentir contradições e dúvidas, acho que são um meio importante no desenvolvimento do trabalho. No meio dessa crise li um antigo do Glauber chamado “O cineasta tri-continental”, e senti que havia ali uma resposta, um caminho.

**MVP:** Em que sentido?

**VL:** Uma das coisas que ele dizia é que nenhum cineasta é suficientemente livre, não por causa das imposições da censura, ou por limitações financeiras; ele não é suficientemente livre porque não descobriu em si mesmo o

cinasta de três continentes. Glauber defende uma maneira de se fazer cinema, mais virada, no caso específico do artigo, para o terceiro mundo, o que combina com as minhas origens, que sempre vivi em trânsito entre esses países. Nasci em Moçambique, morei na África do Sul, vim para o Brasil, tenho nacionalidade portuguesa. Então sinto que a minha identidade é uma identidade fragmentada, o que ao mesmo tempo sempre me motivou muito, sempre foi muito estimulante para mim. Claro que é um processo doloroso, difícil, que de certa maneira o filme acentuou. Quando cheguei ao fim do filme sentia-me como um homem partido e pensei: não tem jeito, sou um ser partido e tenho que saber conviver com esta fragmentação. Fazer com que faça algum sentido, não só para mim, individualmente, mas também como fruto do meu trabalho, para que se torne numa visão que interesse às outras pessoas.

A leitura do Glauber também me impulsionou na direção de uma reflexão sobre a língua com possibilidade de transcender o colonialismo que é uma das questões centrais no filme. Penso que o colonialismo ainda é um aspecto crucial, no mundo hoje, na história contemporânea, o próprio Boaventura esta semana deu uma palestra no Rio de Janeiro em que falou sobre isso. Deixou de ser político para ser econômico e social, mas continua presente. Ao mesmo tempo a língua me pareceu um exemplo concreto e vivo de como diferentes culturas se podem apropriar de um instrumento antes usado como forma de subordinação, colonialista e imperialista, passa agora a ser reinventado, transcendido e revitalizado pelas muitas maneiras como é utilizado no mundo.

**MVP:** O Boaventura Sousa Santos define a condição de Portugal como semi-periféria, por ter sido simultaneamente império, em relação às colônias, e periferia em relação à Europa. Por essa razão não teria exercido em relação às colônias a postura autoritária que seria de esperar de um país imperialista. Esse seria um aspecto positivo da colonização portuguesa e a razão pela qual, ainda hoje, Portugal tem uma presença viva no Brasil, em África, no Oriente. Concordas com esta visão?

**VL:** Não sei se daria a Portugal esse alibi tão grande. Os próprios dados da minha experiência como colono, filho e neto de colonos portugueses na África, e a história da minha família, provam que houve uma postura autoritária por parte de Portugal. Agora, acho que há uma questão importante, que é a questão do afeto que se reflete na valorização dos prazeres da vida. Se eu fosse dizer o que existe de comum entre os países de língua portuguesa, diria que é um sabor de viver, um prazer pela vida, de comer bem, de beber bem, de viver a sexualidade bem e isso acho que veio dos portugueses.

**MVP:** Achas?

**VL:** Durante as filmagens, um personagem indiano dizia-me assim: os portugueses gostam de comer bem, beber bem, hum, hum, hum, fazer tudo beeeeeem... Isso no Brasil é mais evidente, mais sensorial, mas também existe nos portugueses. Claro que existe também uma melancolia, existe um peso, existe uma dramaticidade...

**MVP:** Uma nostalgia...

**VL:** Uma nostalgia, e um lado muito rígido, mas acho que existe também essa coisa do afeto, do abraço, do prazer pela vida, que vai ao encontro de muitas culturas americanas e ameríndias onde existe um culto ao prazer da vida. Mas concordo com o Boaventura que Portugal talvez não tenha exercido plenamente seu papel de império, que talvez tenha sido mais tolerante. O próprio fato da língua portuguesa ser falada de várias maneiras, prova que Portugal deixou que a língua fosse apropriada.

**MVP:** Boaventura define a cultura portuguesa como “cultura de fronteira”, quer dizer, uma cultura que tem forma mas não tem conteúdo. É babélica, caótica por excelência, o que talvez explique essa marca da colonização portuguesa, essa facilidade em se misturem.

**VL:** Sim, isso é maravilhoso! A grande riqueza de Portugal é a mistura, é a tolerância, e Portugal não pode esquecer nunca que é uma nação de emigrantes, então tem que ser tolerante com os que agora o procuram para viver. Não há dúvida que a entrada para a CEE, é ótima, muito positiva, mas Portugal não pode encarar a Europa como um destino final. Portugal tem que ter consciência disso, até porque, cada vez mais, quer a gente goste quer não, quer se use o termo globalização, que é um termo que já foi incorporado pela direita, quer se use o termo internacionalismo, que foi um termo incorporado pela esquerda, o mundo caminha para as convivências multiculturais cada vez mais intensas. E a identidade portuguesa tem um papel fundamental a decidir nisso. Ainda bem que somos um país de fronteira! Entre fronteiras.

**MVP:** Não se trata de minimizar os aspectos negativos da colonização, mas sim de reconhecer os seus aspetos positivos.

**VL:** Exatamente. O Pedro Ayres de Magalhães, do Madredeus, disse uma coisa com a qual concordo absolutamente: sou branco, pertença a uma classe privilegiada, mas não posso responder pela tradição colonialista portuguesa, nem eu nem a minha geração. Não posso ser responsável por aquilo que

pessoas, há quinhentos anos atrás, em outras situações, em outro contexto, com outra cultura, fizeram.

**MVP:** E não fomos só nós...

**VL:** E não fomos só nós. Mas eu penso que ainda bem que o Brasil foi colonizado por Portugal e não pela Holanda. Eu morei na África do Sul, entendeu? Essa coisa de rejeitar a colonização portuguesa é uma besteira. O que eu digo é que é preciso que a gente identifique e fertilize essa possibilidade. Evolua com isso. A partir da minha própria experiência, aprendi a olhar o mundo por vários ângulos. O meu pai, o maior empresário de pesca de Moçambique, perdeu tudo depois da Revolução dos Cravos. Alguns anos depois disso, eu já respeitava completamente a revolução, embora compreendesse a mágoa e a visão dos meus pais. Acho importante que não se fuja das contradições. Eu também poderia ser uma pessoa racista e defender intervenções, ou a retomada das minhas propriedades como se faz no Oriente médio, por exemplo. Mas busquei elementos em mim que me fizessem evoluir e transcender esses terremotos históricos que interferiram na minha vida. Tudo depende da maneira como tu editas a tua própria vida. Espero que Portugal, a partir das suas experiências perceba que é um país com um depoimento fundamental e uma participação importantíssima a dar no mundo contemporâneo.

**MVP:** Tu saíste de Moçambique com que idade?

**VL:** 11 anos. Eu fiz onze anos no dia 24 de abril, então na minha passagem da infância para a adolescência aconteceu a revolução. Aos 11 anos de idade perdi todo o meu passado, todas as minhas referências, todos os meus amigos. Costumo dizer que para mim Moçambique passou a ser, não só um lugar, mas também um tempo onde eu nunca voltei: a minha infância. Moçambique passou a ser uma sensação física. Logo depois fui para a África do sul onde fiquei quase três anos mas nunca me adaptei, detestei o sistema de ensino, detestei a forma anglo-saxã de ver a vida. E quando cheguei ao Brasil, em 24 horas estava-me a sentir em casa, literalmente.

**MVP:** E vieste para o Brasil com que idade?

**VL:** Vim para o Brasil com 13 anos.

**MVP:** Daí a sensação de que falaste, de te sentires um homem partido.

**VL:** “Moçambique é terra queimada”, foram as palavras que o meu pai usou para os seus sócios e para a família. Não vamos voltar nunca mais, nunca

mais vais morar na mesma casa, nunca mais vais voltar para a tua cidade, nunca mais vais ver os teus amigos. É um sentimento horrível, uma experiência que eu só posso comparar talvez à orfandade, algo assim.

**MVP:** Como foi a tua volta a Moçambique?

**VL:** Tenho algumas histórias em Moçambique absolutamente fascinantes. A primeira vez que cheguei a Inhaca estava com receio de falar com os proprietários porque existe uma resistência aos portugueses que vêm olhar as suas antigas propriedades. Então encontrei um vigia que trabalhava no acampamento de pesca do meu avô, e disse-lhe: “tu és um dos poucos amigos de infância que eu tenho no mundo”. E abraçamo-nos os dois a chorar. Ele olhou para mim e disse: “estou a olhar para o senhor, e para mim é como se eu visse uma pessoa que morreu e apareceu vinte e cinco anos depois”. Quer dizer: fui chamado de fantasma no lugar onde eu nasci! Para mim essas são as verdadeiras respostas.

Outra das experiências intensas que tive aconteceu quando, durante a segunda fase da pesquisa, saía para a rua na hora do rush em Maputo, no centro da cidade onde eu nasci, e era praticamente o único branco na rua. Nenhuma universidade, nenhum livro, nenhum filme, nenhuma música vai poder expressar o sentimento que eu tive.

Sinto-me estranho ao voltar a África e ser considerado um estrangeiro, um imperialista, invasor, explorador. Acho que a visão racista, salazarista, fascista é um horror, mas também acho que a outra visão que não permite a convivência de culturas é desprezível. Na minha visão identifico-me com o título do livro do Mia Couto: “Todo o homem é uma raça”, cada um de nós é uma raça diferente.

**MVP:** Porquê estes personagens e não outros?

**VL:** Primeiro porque o tema é um tema vasto, complexo e fragmentado. Foi preciso fazer uma opção e essa opção foi a de falar do grande através do pequeno, da permanência através da fugacidade, do eterno através do fugidio. A idéia era ter um espectro grande, que fosse desde pessoas que nem soubessem escrever, até ao José Saramago, prêmio Nobel da literatura, sendo coerente com a desigualdade social que existe nos países de língua portuguesa.

Mas já recebi críticas por usar no filme pessoas que falam português de uma maneira errada, ou porque se vêm muitos pobres! As pessoas não percebem que estamos a falar de um universo de duzentos e quinze milhões de pessoas em que mais de cento e cinqüenta milhões vivem abaixo da

chamada “linha de pobreza”. Eu tinha que ser coerente com essa realidade. Alguns personagens já estavam especificados no roteiro, outros foram surgindo, frutos da pesquisa. Lembro-me que andava na rua e era uma coisa fascinante e apavorante ao mesmo tempo, porque qualquer pessoa podia ser personagem do meu filme.

**MVP:** Não achas que se pode criticar o teu filme exatamente pela razão oposta, ou seja, por teres escolhido pessoas famosas em detrimento das pessoas “comuns”, dos anônimos faladores da língua?

**VL:** Sim, mas eu queria mostrar esses dois lados, penso que era importante ter diferentes reflexões sobre a língua. Numa pessoa mais pobre, a língua, em princípio, não é uma motivação para grandes reflexões. Mas aí aparece um miúdo magnífico como o Dinho, que mora num hotel abandonado, sem eletricidade, sem água, e que é um grande filósofo, um sábio. Ou o Márcio que usa a palavra como poder de transformação.

**MVP:** A escolha de pessoas famosas teve a ver com uma maior facilidade na divulgação do filme?

**VL:** As pessoas famosas estão presentes, é claro que também no sentido de divulgar, mas o fundamental era mostrar que a língua é de todos. Eu detestaria ter uma visão da língua que fosse só de brancos, intelectuais, conscientes. Por outro lado achava importante ter essas pessoas, só não queria que fossem escolhas óbvias. Talvez o Saramago seja a única escolha óbvia, mas não chamei o Caetano Veloso, que tem uma música que é uma das obras primas sobre a língua portuguesa, porque ele é chamado para falar sobre todas as coisas e achei que seria uma redundância. Procurei, como sempre em todo o meu trabalho, escapar de clichês e estereótipos.

**MVP:** E quanto à escolha dos países? Não incluíste Angola, Cabo-Verde...

**VL:** Isso teve a ver com uma questão de orçamento. A poucos meses do início das filmagens houve um choque cambial no Brasil e perdi um terço do meu orçamento. Já tinha a intenção de não fazer um filme enciclopédico, que mostrasse cada país, cada cidade, para isso teria que fazer uma mini-série, de quarenta capítulos. Então a opção foi eleger certos lugares e ter pessoas de outras nacionalidades, em trânsito. Não fui a Angola mas entrevistei angolanos em Lisboa; não fui a Macau mas entrevistei chineses de Macau; entrevistei brasileiros no Japão – existem hoje mais de trezentas mil pessoas que falam

português no Japão – é um outro fluxo migratório da língua, que está além do próprio colonialismo português e que me pareceu interessante colocar. Da única coisa que me ressinto, nesse sentido, é da ausência dos personagens cabo verdianos. Acho que essa é a maior lacuna.

**MVP:** O que aconteceu?

**VL:** Eu ia usar dois personagens cabo verdianos o que acabou por não acontecer por questões de guião e de organização do material. Mas mesmo não tendo ido a todos os lugares, esses lugares estão presentes, até porque muitas das experiências vividas por esses países são semelhantes. Quando mostro a desminagem em Moçambique estou a falar da desminagem em Angola, Guiné, São Tomé. As experiências são mais vastas, não estão restritas àquele território nacional. O Martinho da Vila diz coisas lindas de Cabo Verde e de Timor...

**MVP:** Um dos aspectos curiosos do teu documentário é que não se vê nem se ouve quem pergunta. Não se sabe se partiram de uma pergunta, de um tema... Nos depoimentos sobre a língua portuguesa, a pergunta pode até ser subentendida, agora no caso dos depoimentos mais pessoais, essa falta é mais sentida. Porque é que optaste por fazer assim?

**VL:** Primeiro como exercício de alteridade, do meu encontro com o outro. Se o filme tem um foco, ele vem da minha experiência pessoal, eu como língua, a língua como uma entidade mutante. Como se essa entidade fosse atravessando vidas e países. Em segundo lugar não me interessava ter nenhum repórter, nem a voz de um locutor a determinar. Justamente porque acho que seria reducionista, limitante, que o filme impusesse um caminho para quem o visse. Acredito num formato de documentário em que as cenas são apresentadas e onde, prezando a inteligência e a sensibilidade do espectador, ele monta o filme à sua maneira, faz as suas conjugações. Claro que eu estou a dizer muitas coisas no filme, mas cada um vai construindo a sua visão.

Quando mostrei o filme ao diretor da Culturgest, ele disse-me: não sei dizer qual é a nacionalidade do realizador. Esse filme pode ser de um de goês, de um português, de um moçambicano, de um brasileiro.

**MVP:** Concordo plenamente com ele.

**VL:** A Lucélia Santos teve a mesma sensação: não foi um brasileiro que fez este filme mas também não foi um português. Era exatamente isso que eu queria.

**MVP:** Era o que tu querias atingir...

**VL:** O meu objetivo era esse. Que não houvesse um ponto de vista determinante, que cada um construísse o filme à sua maneira. É uma tendência contemporânea achar que o diretor se deve colocar no filme, muitas pessoas queriam que a minha própria história estivesse dentro do documentário, mas para mim isso soaria personalista e egocêntrico.

**MVP:** Essa liberdade fica muito evidente quando se comparam alguns dos depoimentos dados: as opiniões de Saramago com as opiniões de Mia Couto, por exemplo. Saramago comentando em tom nostálgico a involução da língua, pela redução de vocábulos que compõem hoje a língua portuguesa, Mia Couto fazendo a apologia da caoticidade.

**VL:** Ao mesmo tempo é curioso que os únicos grunhidos do filme sejam do prêmio Nobel de literatura!

**MVP:** Mia Couto diz que, das línguas europeias, a língua portuguesa é talvez a mais dinâmica, justamente porque perdeu o dono. Sujou-se. Do teu filme o que sobressai é a valorização da diferença, a língua portuguesa como tradutora de diferentes culturas.

**VL:** Isso é maravilhoso! Acho esse um dos aspectos mais interessantes do filme, mostrar a língua sendo apropriada por diferentes culturas como forma de transcender o colonialismo, para além de uma visão meramente lusófona.

**MVP:** Claro!

**VL:** A língua como uma força da natureza, ligada a determinado território geográfico e também ao nosso território individual, ao nosso corpo, às nossas mentes, que permite expressar novas visões de mundo. Um índio do Brasil, usa a língua portuguesa para narrar a sua história. Um negro africano, que foi trazido para o Brasil, que continua lá, ou que emigrou para Portugal, usa a língua portuguesa para expressar a sua visão de mundo. Acho isso fascinante e penso que é esse o grande motivo do filme.

**MVP:** Nesse sentido há uma diferença relativamente ao documentário “Além mar”, de Hermano Viana e Belisário Franca. Quando eles visitaram os países em que o português era a língua oficial, ou pelos menos aqueles em que havia uma influência lusitana visível, a intenção era mostrar o elo desse Portugal, do “imenso Portugal”, como eles diziam. E a tua intenção, me parece,

não foi tanto a de encontrar vestígios da herança lusitana, mas de perceber como é que a herança se particularizou, se autonomizou, adquiriu características próprias. Ou seja, não enfatizar as semelhanças, mas as diferenças.

**VL:** Exatamente, concordo contigo. Quando comecei a fazer o projeto o primeiro caminho foi esse. Mas aí percebi que estávamos a falar de outra coisa, de como a língua portuguesa está sendo reinventada, reciclada, revivida de muitas maneiras diferentes.

**MVP:** Não dá para não ficar sensibilizado com algumas das situações mostradas no teu filme, como por exemplo aquela do Hotel da Beira, em Moçambique, e daquele miúdo maravilhoso, o Dinho, que apesar daquela vivacidade, daquela inteligência, tem plena consciência de que os seus horizontes estão limitados pela situação em que vive. Essas diferenças provocam questionamentos quanto às desigualdades existentes no mundo e em particular às existentes entre os países de língua portuguesa. Quanto à eficiência de alguns organismos, como por exemplo a CPLP, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa que, em seus estatutos, defende a “consertação política e a cooperação nos domínios social, cultural, econômico”. Tiveste alguma intenção de denunciar...

**VL:** Eu sou uma pessoa acostumada, por viver no Brasil, a conviver com a miséria cotidiana, nos sinais de trânsito, debaixo das marquises... Fazer o filme, para mim, era também uma forma de ser coerente com o absurdo que é, o absurdo que continua a ser, em pleno século XXI, continuarmos a aceitar construções sócio-econômicas que são esdrúxulas. Esse continua a ser o grande desafio da minha geração e das próximas gerações, porque a desigualdade é terrível no mundo, e isso de alguma maneira tem que mudar.

Já filmei em muitos lugares miseráveis, em favelas brasileiras, no sertão do Brasil, em favelas americanas. Mas quando filmei no Grande Hotel houve um impacto na própria equipa que ficou chocada com aquela miséria. Ao mesmo tempo é uma grande lição para mim, que sou uma pessoa instruída, me interesse por questões econômicas e políticas, esse “xeque-mate” que o Dinho representa. Como é que em comunidades pobres existem figuras magníficas, sublimes, inteligentíssimas, que infelizmente em muitos casos vão-se perder.

**MVP:** Quando é que os portugueses vão poder ver o teu filme?

**VL:** O filme é uma co-produção Brasil-Portugal, co-produzido pela Costa do Castelo, com o apoio do ICAM, que foi um apoio fundamental, e da SIC, através do Manuel Fonseca. A minha intenção é tentar lançar o filme primeiro em cinemas portugueses.

O Eduardo Prado Coelho escreveu um texto, talvez o melhor texto já escrito sobre “Língua, vidas em português”, onde disse que era urgente que Portugal visse o filme. Eu também acho que é um filme importante para os portugueses, que talvez se sintam mais próximos do tema que os brasileiros por terem mais elementos para isso.

Ano que vem espero unir esforços para que o filme seja exibido não só em Portugal mas também nos outros países lusófonos. Gostaria muito que o filme passasse em cinema, e de promover debates com intelectuais e artistas. Tenho a intenção de fazer isso e espero que não só o Instituto Camões como outros órgãos, possam colaborar nesse projeto com outros financiadores portugueses.

No Brasil, foi a EDP - Eletricidade de Portugal, que viabilizou o lançamento do filme. Penso que é importante que as empresas portuguesas assumam a sua responsabilidade na divulgação da cultura portuguesa.

Espero que o filme tenha aí a mesma aceitação e o mesmo sucesso que está a ter no Brasil onde, na quinta semana de exibição, em apenas três cidades, já teve 10 mil espectadores, já é um dos quinze documentários mais vistos, além de ser o primeiro filme inteiramente digital do cinema brasileiro.

**MVP:** O que te leva a pensar que os portugueses podem ser mais sensíveis à questão da língua do que os brasileiros?

**VL:** Penso que conhecem melhor, elementos que facilitam a leitura do filme. Existem programas na RTP1, na SIC internacional sobre os países da língua portuguesa, então talvez para os portugueses seja mais interessante a visão dessa confluência de culturas. No Brasil não é assim, no Brasil a maior parte das pessoas na rua não sabe nem sequer que existe um país chamado Moçambique, quanto mais que lá se fala português. Por isso gostei tanto do artigo do Eduardo Prado Coelho, porque houve um momento em que pensei que para os portugueses, “Língua, vidas em português”, pudesse ter um tom de *dejá vu*.

Quero muito compartilhar o filme com o público português, apesar de achar que vai receber as suas críticas, mas isso vai ser bom.

*Entrevista realizada em Novembro de 2006*